


## OS MUCKERS

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.647112526023>

*Data de aceite: 12/03/2025*

**Paulo Francisco Alves**

### 1 | INTRODUÇÃO

Em 25 de julho de 2024, completam-se 200 anos desde a vinda dos primeiros imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul, à atual cidade de São Leopoldo, município integrante da região metropolitana de Porto Alegre.

Ainda no século XIX, mais exatamente nos anos de 1868 e 1874 ocorreu o episódio dos Muckers, um movimento messiânico liderado por João Jorge e Jacobina Maurer, que entrou em conflito com a comunidade nesse período citado.

O que se sabe é que esse movimento foi amplamente descrito pelo *Jornal do Commercio*, o qual sempre considerou o movimento como criminoso.

A vinda dos primeiros imigrantes alemães ocorreu no navio *Germânia* que partiu de Hamburgo, no qual estiveram antecedentes de Jacobina, ou seja, o pai

dela, André Mentz e demais familiares dele.

O presente artigo visa apresentar uma visão acerca do que ocorreu no episódio dos Muckers, como o caso terminou e como a história trata o acontecido.

Os objetivos são:

a) Objetivo geral: Destacar onde, quando e como ocorreu o episódio histórico dos Muckers.

b) Objetivos específicos:

- relacionar o caso dos Muckers com as dificuldades vividas pelos imigrantes;
- verificar por que o episódio foi visto pelo lado do mal;
- descobrir quem relatou os detalhes do ocorrido de forma diferente.

A estrutura do texto terá três partes:

- 1) Tempos iniciais difíceis, em que se relata as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes alemães no século XIX.

2) A saga dos Muckers em si, o que diversos autores falam a respeito.

3) Uma análise imparcial, baseada nas afirmações de vários escritores que abordaram o assunto em épocas distintas.

Obra será finalizada com considerações finais e acrescida das fontes bibliográficas.

## 2 | TEMPOS DIFÍCEIS

A imigração alemã ao Rio Grande do Sul começou em 1824 e seguiu até 1860. Inicialmente, incentivada pelo imperador Dom Pedro I e sua esposa dona Leopoldina, ela de naturalidade suíça, soldados alemães que ficavam em São Paulo para auxiliar o governo na consolidação da Independência de Portugal, proclamada em 7 de setembro de 1822, vieram junto com colonos e vários outros obreiros, que passavam por problemas de pobreza, condenações, sendo que, vindo ao Brasil, ficariam livres de suas penas.

A partir de 1930, o governo não se envolvia mais com a imigração, ficando essa por conta de empreendedores-exploradores que traziam colonos e outros profissionais a locais mais afastados da região metropolitana, ou seja, às regiões dos rios Taquari, Caí e Rio Pardo. Os redutos ocupados por alemães ficavam na encosta inferior da Serra Geral.

Muitas das promessas do governo brasileiro para atrair os imigrantes ao Sul do Brasil, jamais foram cumpridos. Assim, ficaram longo tempo no acampamento construído na Feitoria em São Leopoldo. Depois se mudaram para áreas de terra destinadas a cada família. Tiveram enormes dificuldades para abrir roças no meio da selva e construir moradias. Além disso, não tinham padres e pastores para uma orientação religiosa, bem como médicos para curar suas doenças.

Schupp (2004) destaca:

Cheio de dificuldades foi o princípio. Com o facão e o machado, era preciso conquistar a mata virgem, palmo a palmo, a terra explorável para a cultura. Os membros da família – pai, mãe, filhos – todos, sem exceção, desde o maior até ao mais novo, lançaram-se ao duro serviço, cada qual consoante às suas forças. E quantas vezes não tiveram eles que recuar, apavorados, diante de alguma cobra venenosa ou de alguma aranha de tamanho colossal, tão freqüente nas matas, ou de outro animal repulsivo, que, inesperadamente, se lhes apresentava na vizinhança (SCHUPP, in SENADO FEDERAL, 2004, p. 4).

Embora o padre Schupp, sendo religioso, olhasse para o caso dos Muckers como um crítico, ele mostra, pelo acima informado, que o caso teve motivos para acontecer mais cedo ou mais tarde. Ele segue descrevendo:

Verdade é que não lhes custava muito a inutilizar semelhantes inimigos: o primeiro pau que lhes ficava ao alcance, bastava para isso. O mesmo, porém, não sucedia com outros hóspedes, mais perigosos, que de quando em quando apareciam obrigando o colono a lançar mão da espingarda: tais eram o jaguar e outras alimárias ferozes. Havia, porém, outro inimigo mais terrível contra cujos assaltos devia o colono andar constantemente precavido: eram

os selvagens. Estes, que, a princípio, se abeiravam do homem branco em boa paz, e, inofensivos e curiosos, se punham a reparar nos seus costumes e hábitos, não tardaram a assumir atitude abertamente hostil, quando perceberam que o intruso ia devastando cada vez mais a mata, e punha e dispunha daquilo a seu bel talante; e é certo que a visita de tais hóspedes custou a vida a mais de um colono. Desde manhã cedo até à noite, continuava a afanosa labuta, só interrompida pela parca e mesquinha refeição.

Para podermos fazer uma idéia exata da vida trabalhosa dos primeiros colonos, foi-nos mister ouvir a eles próprios as suas aventuras. A história de cada um é quase sempre um entrecho de peripécias, de vicissitudes, de sofrimentos, de sacrifícios, em que não raro o dedo da bondosa providência aparece tecendo os seus fios da maneira mais comovente. Superados, porém, os primeiros obstáculos e vencidas mil dificuldades, o cuidado cedeu lugar à alegria, e o contentamento veio dissipar-lhes a nostalgia do torrão natal. O colono, que na velha pátria vivera em meio de necessidades e privações, podia agora olhar, como proprietário, para uma extensão de terra de uns 200 a 300 hectares (SCHUPP, in SENADO FEDERAL, 2004, p. 4-5).

**Nota-se, claramente que o autor menciona a melhoria da situação no final da citação e ele segue:**

Aos primeiros imigrantes não tardaram a seguir outros. As informações dos compatriotas que os haviam precedido, e as vantagens sedutoras que se lhes ofereciam, atraíram bem depressa centenas e centenas de indivíduos, a quem as condições apremantes na pátria se haviam tornado insuportáveis. Novos trechos de terra foram, então, medidos e demarcados, e novos lotes distribuídos. Na medição e demarcação desses lotes, procediam os agrimensores da maneira seguinte: em primeiro lugar, abriam, pelo mato adentro, uma picada – caminho estreito e comprido; perpendicularmente à picada, e à distância de cem em cem metros, mediam trechos maiores de 1.600 braças cada um. Ficava assim demarcado o prazo que se entregava a cada colono. Média, pois, o lote 100 braças de largura, sobre 1.600 braças de comprimento, representando, por conseguinte, uma área de 160.000 braças quadradas, ou 774.400m<sup>2</sup>. O conjunto dos lotes formava um núcleo, que recebia um nome oficial, e era confiado à superintendência de um diretor de colônia (SCHUPP, in SENADO FEDERAL, 2004, p. 5).

**Analisando todas essas informações, percebe-se, claramente que os germânicos, passando muitas dificuldades em sua terra de origem, vieram para conquistar uma vida melhor no Brasil.**

**Milani (2008) explica que:**

A imigração alemã teve um papel relevante no processo de colonização de diversas regiões do sul do Brasil desde 1824, quando o governo imperial fundou a colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. No contexto de ocupação do território mediante a colonização baseada na pequena propriedade familiar – da qual participaram os imigrantes de origem germânica –, os processos de diferenciação interna, formação de classes e ascensão social aconteceram juntamente com a cristalização da identidade étnica teuto-brasileira, ancorada na especificidade cultural e no “jus sanguinis”, em contraste com os imperativos da assimilação ditados pelo nacionalismo brasileiro como condição da cidadania MILANI, 2008, .

Pelo que se observa no dito da autora, a imigração germânica começou a se expandir pelo estado mais sulino do Brasil afora. Sempre, o que se oferecia e os imigrantes buscavam eram pequenas áreas de terras que seriam ocupadas pelas famílias para prover ou seu sustento alimentar. Isso sempre exigia muito esforço físico e, para terem braços a trabalhar, as famílias eram numerosas.

No item seguinte, será transmitida a visão de várias autorias a respeito da saga dos Muckers.

## 3 | A SAGA DOS MUCKERS

### 3.1 O que diversos autores falam a respeito

A atual região metropolitana de Porto Alegre, da qual fazem parte São Leopoldo e Novo Hamburgo, berços da imigração alemã no RS, é cercada de morros, entre os quais está o Ferrabraz, no município de Sapiranga, também nessa região metropolitana. Foi nesse local, morro do Ferrabraz, que aconteceu o episódio e que marcou a história riograndense, Os Muckers.

Residia lá, a família de João Jorge Maurer, um colono que não frequentara escola. O trabalho árduo, abrindo roça e plantando nela cansava muito, então resolveu ser médico, curandeiro, na fala popular.

Schupp (2004) um padre jesuíta, descreve-o como

É homem ainda moço, de aproximadamente trinta anos, de estatura mais que meia, cheio de rosto, simpático, barba inteira e cerrada, cor de castanha. Nas linhas do rosto, não se descobre um traço sequer que revele uma inteligência acima do comum, ou uma energia não vulgar; pelo contrário, tudo nele está a denunciar um temperamento pacífico e uma certa simplicidade bonachona.

Escola, não a frequentou João Jorge; não sabe ler nem escrever; porém o trato e a convivência com estranhos fizeram-lhe adquirir certo polimento e maneiras delicadas. Quanto ao mais, nenhuma distinção o extrema dos outros colonos: o seu modo de vida, o seu vestuário, é como o dos outros, e, a trabalhar na roça, anda sempre descalço, como aqueles. João Jorge é carpinteiro de ofício, e quantos o conhecem afirmam que ele entende da arte às direitas e que o seu trabalho é expedito e asseado. Há alguns anos, porém, tornou-se médico, e receita a quantos o consultam medicamentos, mezinhas e pomadas. O que o determinou a abraçar a nova profissão é o que não está bem averiguado, correndo, a este respeito, várias versões pelas colônias.

Um belo dia – assim contam – estava João Jorge na roça, de machado em punho, a esmoitar e abater, a rudes golpes, uma árvore após outra. Era um dia calmoso, e Maurer, mais que nunca, sentia o peso da labuta diária. Suspendendo o trabalho, erguera o busto para descansar um instante; senão quando, ouve uma voz: “João Jorge, que estás tu aí a mourejar? Lança fora esse machado, e trata de seguir a tua vocação: tu nasceste para médico

(SCHUPP, in SENADO FEDERAL, 2004, p. 42).

O padre vê esse homem pelo lado religioso católico. Sobre a esposa de João, Jacobina, ele narra

Freqüentemente, era ela vista sentada numa cadeira, rodeada de homens, mulheres e crianças, formando um círculo. Diante dela, em cima da mesa, estava aberta a Bíblia. Os seus olhos cintilavam de um brilho sinistro, as suas feições tomavam uma expressão misteriosa, fantástica. Punha-se a ler. As palavras saíam-lhe arrastadas, difíceis: percebia-se que a leitura lhe custava muito. Concluída, porém, uma frase ou um texto, passava a explicá-lo; mudava, então, de voz: as palavras afluíam-lhe, espadanavam da sua boca, e, como se fora uma iluminada, dava à passagem lida as interpretações mais singulares e estrambólicas.

Aquela gente simples da colônia, sem nenhuma, ou quase nenhuma instrução, e, portanto, incapaz de discernir a verdadeira da falsa interpretação, ali se quedava muda, pasmada, embebedada, em respeitoso silêncio, suspensa da boca daquela mulher. Quanto mais extravagantes eram as interpretações de Jacobina, e quanto menos as entendiam, mais alevantado era o conceito que formavam da sua sabedoria, chegando a acreditar que era ela inspirada por um espírito superior (SCHUPP, in SENADO FEDERAL, 2004, p. 49).

**Nota-se que o autor vê Jacobina pelo mesmo ângulo como ao esposo dela. Assim prossegue**

Por vezes, iam os devotos encontrá-la reclinada no leito, olhos abertos, cravados em um ponto, como se estivesse a contemplar visões. Sentenças esquisitas, proferidas compassadamente, exortações e profecias em tom empolado brotavam-lhe, então, dos lábios, e os assistentes, retransidos de pavor santo de mistura com uma veneração respeitosa, estavam convencidos de ter diante de si um ser sobrenatural.

Dali saíam contando o que tinham visto e ouvido: a curiosidade atraía; aos centenares, acudiam ao Ferrabrás os curiosos, para verem e ouvirem a mulher misteriosa; e, se outrora João Jorge tinha gozado nomeada, como médico, passava Jacobina, agora, por uma profetiza afamada.

(SCHUPP, in SENADO FEDERAL, 2004, p. 49).

### **Segundo Milani (2008),**

As famílias que aceitaram a liderança de Jacobina haviam regredido economicamente, estes eram na sua maioria evangélicos e analfabetos. A colônia era o lugar onde viviam. Por volta de 1872 os mucker preparavam-se para o fim dos tempos e, para sua salvação deixaram de fumar, de beber, de jogar de freqüentar os acontecimentos os acontecimentos sociais, recusavam-se a votar, retiraram seus filhos das escolas e abandonaram a Igreja de profissão Luterana (MILANI, 2008, p. 19).

**Essa autora simplesmente mostra a situação vivida pelos que se envolveram com a seita nova a surgir na colônia alemã no Ferrabraz.**

### **Um outro angular de visão observa-se no que afirma Gehver (2017)**

O conflito Mucker marcou de forma visível a trajetória do processo de imigração de alemã no sul do Brasil. A organização de um grupo que passou a viver de forma "diferente" dos padrões estabelecidos para a época deflagrou um dos

mais importantes episódios da história da imigração alemã no Rio Grande do Sul e acabou dando visibilidade aos diversos problemas existentes nas áreas de imigração europeia no Brasil do século XIX (GEHVER, 2017, p. 110).

### Esse autor destaca ainda

O conflito inicia quando João Jorge Maurer e sua esposa Jacobina Mentz Maurer são acusados de praticar curandeirismo e proferir cultos em sua casa, onde Jacobina lia e interpretava a Bíblia em alemão para os colonos que chegavam até o local. Estes estariam, supostamente, formando uma seita de caráter messiânico, liderada por Jacobina e provavelmente cerca de 600 adeptos.

Uma série de acontecimentos aguça, progressivamente, os ânimos de ambos os lados. Além disso, problemas relacionados com as dificuldades econômicas encontradas pelos colonos, a falta de orientação religiosa por parte das Igrejas Católica e Evangélica, as dificuldades em buscar assistência médica, por falta de recursos financeiros e as divergências em delimitar as propriedades aumentam as discussões na área colonial alemã.

Tanto os Mucker quanto os demais colonos da região trocavam acusações de saques, roubos e assassinatos. Os Mucker foram interpretados pela sociedade como desordeiros e fanáticos que, liderados por uma falsa profetiza e por um falso curandeiro, espalharam o terror e a desunião entre as famílias. O movimento resulta na morte do Coronel Genuíno Sampaio, que liderou as tropas imperiais contra os Mucker, em 21 de julho de 1874. Finalmente, em 02 de agosto de 1874, acaba o conflito, com a morte de Jacobina Maurer e mais 16 Mucker que estavam vivendo escondidos nas matas do Morro Ferrabraz (GEHVER, 2017, p. 110).

É claramente possível ver que esse autor vê o conflito pelo lado analítico, não condenando nem os Mucker e nem seus opositores.

Outro autor, Muxfeldt (s.d.) descreve com muitos detalhes o episódio, tendo sido descendente de família participante dos Muckers. Seu olhar crítico pode ser notado em suas crônicas, das quais traz-se, aqui, recortes importantes.

De nada adiantou João Jorge Maurer, o “wunderdoctor” (doutor maravilha) explicar, quando perguntado, que ele não curava os enfermos que o procuravam e sim, quem curava, eram as “maravilhosas” plantas medicinais do Rio Grande do Sul. Quando a situação se agravou, nas sindicâncias e inquéritos em que foi indiciado, sempre declarou que havia abdicado de atender os doentes que o procuravam, porém não podia impedir que diariamente chegassem, das longínquas picadas, um grande número de doentes e desvalidos da sorte.

Como o atendimento aos doentes do interior da Colônia era precário, pois a única instituição que poderia atendê-los, a Santa Casa de Misericórdia ficava muito longe, em Porto Alegre. A casa dos Maurer, o pátio e o galpão, em 1874, estavam atulhados de doentes. Jacobina, doente de corpo e mente, já não pregava mais e parecia alheia a tudo que estava acontecendo. Como não foi feita nenhuma tentativa de pacificação e, pelo contrário, os ânimos de ambos os lados se exaltavam dia a dia, acabou ocorrendo a tragédia anunciada (MUXFELDT, (s.d., p. 23).

## Em outra crônica, Muxfeldt, comenta

Dois erros foram cometidos pela viúva Maria Elizabeth Mentz, moradora de Hamburgerberg (Morro dos hamburgueses), atual bairro de Hamburgo Velho, do município de Novo Hamburgo, mãe de Jacobina e Carolina Mentz. As duas meninas foram criadas entre brigas e atritos e se transformaram em adolescentes problemáticas. Isso durou até o casamento de Jacobina, realizado quando completou 24 anos de idade. Casada com João Jorge Maurer, um simpático boa vida, a viúva Elizabeth concordou com que o jovem casal ficasse morando em sua casa. Foi o seu primeiro erro. O segundo erro foi consequência dos constantes atritos entre genro e sogra morando sob o mesmo teto. Logo após o nascimento do primeiro filho do casal, Elizabeth resolveu despachá-los para algum lugar. Ferrabraz, onde tinham uma propriedade? Sim, em seu entender, era a melhor saída. Para o mato, onde já viviam alguns parentes. Elizabeth sabia que nenhum dos jovens manifestava vocação para a agricultura, que era coisa de colono pobre.

Em 1867, o casal e o filho chegaram, de carroça, ao Ferrabrás. Finalmente estavam livres, emancipados, fora da influência da rabugenta viúva e da briguenta Carolina. Mas também estavam afastados do alegre convívio dos amigos de Hamburgerberg. Começava então o drama da solidão, do isolamento, naquele mato, sem vizinhança próxima.

Quatro anos depois, João Jorge descobriu sua verdadeira vocação. Tornou-se curandeiro, o mais famoso da colônia alemã. Era o "Wunderdocktor", o doutor maravilha. Vitória, felicidade? Não, a inveja alheia, comum em sociedades isoladas, como era a dos imigrantes alemães, começou a destruí-lo. Foi preso várias vezes, perseguido e, aos 33 anos de idade, ele e sua companheira tiveram um trágico fim (MUXFELDT, (s.d., p. 24).

Percebe-se a visão parental de Muxfeldt nesses fragmentos de crônicas.

No próximo item, será feita uma análise mais profunda sobre as diversas visões autorais observadas neste capítulo.

## 4 | UMA ANÁLISE IMPARCIAL

É nada fácil fazer uma análise imparcial sobre o caso de Os Muckers, pois, na época em que acontecia esse episódio, no Sul do Brasil, quase nada era noticiado sobre isso, já que praticamente não existia imprensa escrita e a falada nem tinha sido inventada. O único era o Jornal do Commercio. Então, o que existe são textos escritos por pessoas imparciais querendo contribuir para a história riograndense. Assim, Ambrósio Schupp, um padre católico, expressa sua opinião pelo lado religioso, que não aceita a existência de seitas, mesmo as pessoas envolvidas nem sabendo que o que estavam fazendo seja de uma seita.

Ao contrário, Muxfeldt vê o episódio como um fruto da criação familiar de Jacobina e de sua irmã e, também, pelo lado econômico dos imigrantes germânicos e seus descendentes, além das dificuldades de atendimentos médicos, praticamente inacessíveis a esse segmento (vide curandeirismo de Maurer, marido de Jacobina).

GEHVER (2017) explica:

Conforme Petry, o ambiente vivido pelos colonos alemães na Colônia de São Leopoldo, na segunda metade do século XIX, deve ser entendido como o motivo que levou a formação do grupo do Ferrabraz, crente nas curas realizadas por Maurer e nas palavras santas de Jacobina (GEHVER. 2017, p. 125).

O mesmo autor traz uma citação de Petry, na mesma página, que diz:

Esses quatro fatores (religiosidade, falta de instrução, espírito observador de um lado, obstinação em seguir novos rumos, por outro lado, e amor à justiça) se reúnem na evolução do caso dos adeptos de Jacobina Maurer: a religiosidade os impeliu a freqüentar as pregações da pseudo-profetisa, sua pouca instrução fez com que não lhes fôsse possível distinguir entre o que existia de bom ou de mau, na doutrina ministrada; aparecendo as críticas e os deboches dos adversários conservadores... (PETRY, 1966, p. 25).

Vê-se, a partir dessas duas menções feitas por Gehwer, que a questão do episódio dos Muckers perpassa a imaginação religiosa e a popular alemã daquela época no Rio Grande do Sul.

Se, por um lado, os Muckers teriam se tornado uma seita, por outra visão, estavam, Jacobina e seu marido, tentando ajudar aos seus conterrâneos com a melhora da saúde e um pouco de interpretação bíblica, o que fora condenado pelos conservadores. Esses, tanto religiosos católicos como evangélicos não tinham condições de atender as ainda não bem-organizadas comunidades religiosas nas suas necessidades.

Por essas observações, pode-se considerar que as opiniões dos historiadores, ao se basear em suas observações, não tinham como se basear em algo mais do que suas convicções a favor ou contra os Muckers. Apenas se sabia que houve os encontros de Jacobina e de João Maurer com pessoas pobres em todos os sentidos, que buscavam algo para melhorar sua vida. Sabia-se, ainda, que o episódio teve um final trágico que servia de exemplo para o não surgimento de outros casos semelhantes pelas colônias de descendentes germânicos que estavam se formando numa ampla área do território gaúcho.

Tudo que é possível encontrar de escrito sobre os Muckers tem algo a favor ou contra eles, mas nota-se muito mais contra, sendo culpados pelo triste final bélico do caso.

Deduz-se que a imigração de germânicos no Rio Grande do Sul, que completa, neste ano de 2024, duzentos anos, teve apenas citado o episódio de Os Muckers como evento bélico em todo esse período bissecular, tendo como principais participantes os alemães e seus descendentes.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos deste artigo eram destacar a relação do episódio dos Muckers com as dificuldades vividas pelos imigrantes; verificar por que foi mais mencionado pelo lado mau e descobrir que, de forma diferente, os detalhes do ocorrido.



Ao mencionar autores como Schupp, Gehver e Muxfeldt, a intenção era alcançar os objetivos mencionados.

Como o caso dos Muckers é o único fato histórico bélico ocorrido como tragédia nos duzentos anos da Imigração Alemã em terras sul riograndenses, ele é visto, predominantemente, sob o ângulo de crítica à culpa de Jacobina e de seu esposo João Maurer. A ocorrência, praticamente, foi relatada sem a prova de pessoas que dela participavam e pouco, quase nada, existe mencionado na imprensa principiante da época que não considera outra forma além da crítica.

Os primeiros imigrantes germânicos eram quase todos analfabetos e tiveram enormes dificuldades para obter a cidadania brasileira no também iniciante império brasileiro, assim, nada puderam deixar escrito sobre suas vivências, o que apenas passou de uma geração à próxima mediante os relatos pessoais, os quais foram sendo muito alterados com o tempo, afinal, “quem conta um conto acrescenta um ponto” dito popular sempre em voga.

Tendo este artigo sido escrito baseado em pesquisas de alguns escritos, conseguir chegar a uma conclusão que vale a pena pelo fato de se tratar de história de uma etnia que compõe o povo brasileiro e que muito contribuiu para o desenvolvimento do Estado Gaúcho e, em consequência, para o de vários outros estados para os quais migraram os descendentes de alemães, que vieram ao Brasil entre os anos de 1824 e 1860.

Como o caso dos Muckers ocorreu na região do morro do Ferrabrás, não muito distante da capital Porto Alegre, muitas regiões colonizadas no século XX, pouco, ou quase nada souberam dessa tragédia que envolveu menos de mil pessoas e causou a morte de apenas alguns de seus principais elementos, sendo Jacobina, a principal daquela história.

Alcançados, pois, os objetivos propostos, espera-se que mais estudiosos interessados em história se debrucem sobre o assunto e consigam clarear mais acerca desse caso bem nebuloso.

## REFERÊNCIAS

GEHVER, Daniel Luciano. Diferentes escritos sobre um mesmo passado: As (re)atualizações do conflito Mucker na historiografia sobre imigração alemã no Rio Grande do Sul (1874-1977). *Historiae*, Rio Grande, 8 (1): 2017

MILANI, Clarice. Os mucker em São Pedro do Sul: identidade e memória – 1874-1949, Santa MARIA – RS, 2008

MUXFELDT, Hugo. Mucker: crônicas. Porto Alegre, s.d.

PETRY, Leopoldo. 1966. In GEHVER, D. L. Diferentes escritos sobre um mesmo passado: As (re) atualizações do conflito Mucker na historiografia sobre imigração alemã no Rio Grande do Sul (1874-1977). *Historiae*, Rio Grande, 8 (1): 2017, (p. 126)

SCHUPP, Ambrósio. Muckers. in SENADO FEDERAL, 2004.